



Octógono do STF não desperta muita atenção do eleitor

## Na crise Master, quem confia no STF? Quem confia na PF?

As movimentações na terça-feira (15) no octógono do Supremo Tribunal Federal (STF) tiveram um objetivo. O que há de desgaste político na crise Master no Supremo deve ficar congelado até depois das eleições de outubro. Embora até o momento em que esta coluna é escrita ainda haja uma sessão de pugilato entre os ministros marcada para a próxima quarta-feira (23), é muito provável que ela não aconteça. O pedido de vista feito por Flávio Dino era sobre a questão de ordem de Gilmar Mendes que tentava unir os inquéritos contra Alexandre de Moraes e André Mendonça. A sessão de terça agora era para discutir Moraes, a da quarta para discutir Mendonça. Se o pedido de vista é sobre a questão de ordem, englobaria as duas ações. Antes disso, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Edson Fachin, passara para ele outras decisões sobre o Master até tais julgamentos.

### Campanhas explorarão

Assim, não parece haver hipótese de novas enxurrada de decisões monocráticas antes da eleição. Vazamento, pode haver. Mas aí seria demonstração de que, de fato, o bom senso voou para longe do STF junto com a tenda que abrigaria do lado de fora os jornalistas na sessão de terça-feira. Certamente, porém, as campanhas explorarão o que aconteceu e tentarão tirar seus proveitos políticos. Ou, por outro lado, trabalhar para que não cole neles o que houve. Isso já claramente começou.



Moraes é o ministro que sai mais chamuscado

### Tamanho do impacto talvez relativo

Para além das intenções de voto na corrida eleitoral, alguns dados da pesquisa do Instituto Indexa para o Estadão/Broadcast que não foram muito explorados mostram que, talvez, o impacto da crise Master/STF na decisão de voto do brasileiro seja um tanto quanto relativo. Mas são importantes para entender como o eleitor enxerga e se posiciona quanto ao que acontece no octógono do Supremo. Primeiro, a avaliação sobre o impacto. Somente 35% disseram acompanhar as notícias sobre o rolo do STF “com muita atenção”.

### Maioria não deu muita bola

Um percentual de 22% diz ter acompanhado com alguma atenção. Então, 43% mostram que não deram muita bola: 20% apenas ouviram falar no assunto; 19% não ouviram falar, e 4% não sabem ou não responderam. Dado, portanto, que a crise Master/STF não move muitos corações e mentes, passamos sobre a percepção daqueles que foram impactados pelo caso. Quem, para eles, mais perde e mais ganha.

### Moraes

De longe, o maior alvo da percepção do eleitorado é a careca de Alexandre de Moraes. Perguntados sobre quem seria o maior responsável pela crise no STF, 46% apontaram que seria Moraes. O ministro André Mendonça, relator das ações sobre o caso Master, é o segundo com 16%. Dias Toffoli vem em seguida, com 6%.

### Uso político

Na sessão de pugilato de terça-feira, o decano da Corte, foi para cima de André Mendonça dizendo que ele faria uso político-eleitoral das suas decisões sobre o caso. Seria, disse Gilmar, um “pixuleco eleitoral”. Não é essa, no entanto, a percepção, segundo a pesquisa Indexa. A maioria considera que quem faz isso é Alexandre de Moraes.

### Mendonça e Moraes

Para 45% dos entrevistados, os critérios que Alexandre de Moraes mais usa nas suas decisões são “políticos”. No caso de André Mendonça, há uma divisão na percepção. A maior parte considera que seus critérios são “técnicos e jurídicos”, 33%. Mas logo abaixo há uma percepção não muito distante, de 28%, de que seus critérios são “políticos”.

### Confiança

Curiosamente, os entrevistados não partilham da visão de Mendonça sobre a Polícia Federal. Mendonça queria afastar o diretor da Polícia Federal, Andrei Rodrigues. Mas os entrevistados dizem confiar no trabalho da PF, mais do que confiam no STF. Somente 10% dizem “confiar muito” no STF. E 45% dizem não confiar.

### PF

No caso da PF, 32% dizem “confiar muito”. E somente 18% não confiam. Se for somado o percentual de quem “confia um pouco”, chega a 77%. Vê-se aí que a desconfiança de Mendonça quanto às investigações da Polícia Federal não encontram amparo no eleitorado, ainda que não veja tanto André Mendonça como o vetor da crise do STF.

### Impeachment

Então, tudo isso leva à percepção sobre se deve ou não ser aberto processo de impeachment contra ministros do STF. E 68% dizem ser “totalmente a favor”. Somados os 9% que se dizem “mais a favor que contra”, o percentual chega a 77%. E 58% se dizem a favor de os ministros terem um mandato limitando seu tempo na Corte.



Trump volta a pressionar Brasil por ações contra o PCC e o CV

# Governo dos EUA acusa Brasil de falhar contra o crime

## Documento destaca que governo precisa adotar medida mais duras

Por **Gabriela Gallo**

O presidente dos Estados Unidos (EUA), Donald Trump (Republicano), acusou o governo brasileiro de falhar no combate ao crime organizado e, conseqüentemente, contra as facções criminosas Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV).

Segundo um documento assinado por Trump, divulgado pelo Departamento de Estados dos EUA nesta quarta-feira (16), as facções criminosas brasileiras “transformaram o país em um centro para o fluxo global de cocaína”. A declaração, enviada da Casa Branca para o Congresso americano se trata de uma determinação para o ano fiscal de 2027, como uma prestação de contas para a liberação de recursos para fins específicos – no caso, o combate ao narcotráfico.

“Essas organizações terroristas brasileiras estão crescendo como uma ameaça para a paz e a segurança ao redor do mundo, e o governo brasileiro precisa urgentemente tomar medidas mais agressivas para combater [as facções] e se defender antes que elas cresçam e se espalhem”, escreveu o documento divulgado pelo departamento de estado americano.

Desde que os Estados Unidos passou a classificar o PCC e o CV como organizações terroristas, o governo americano passou a enfrentar divergências com o governo brasileiro por conta da classificação. Apesar de reconhecer a gravidade e o tamanho das facções, tal como agradecer pela ajuda norte-americana, o governo brasileiro nega a necessidade de ampliar a classificação das organizações como terroristas, alegando que tem condições de enfrentá-las e desestruturá-las. Vale destacar que, a partir do momento em que os EUA classificam um grupo como “terrorista”, isso abre margem para intervenções dos Estados Unidos ao Brasil, inclusive militares.

O governo americano classificou 23 países (dentre eles Colômbia, Afeganistão, México, Venezuela e China) como grandes produtores ou rotas de drogas. O Brasil não foi citado nessa lista, concentrando as críticas à gestão brasileira no combate às facções criminosas como potenciais rotas de drogas.

Por outro lado, o governo norte-americano parabenizou a atuação da Argentina, do Equador e de El Salvador – todos países comandados por governos conservadores e ligadas à direita.